

CARTA DA SOBERANIA DOS POVOS, DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA AGROECOLOGIA

Nós, entidades e povos, reunidos de 09 a 11 de setembro de 2020, no Terceiro Seminário de Agroecologia e Segundo Seminário de Educação do Campo do IFPE, em meio às discussões e debates, assinamos estas linhas que resumem nossa luta e nossos anseios.

Tem gente com fome! Tem gente com fome!¹ A geografia da fome² está presente em um país que é grande exportador de alimentos, notadamente soja, milho, arroz, carne bovina e de frango, ao mesmo tempo em que culturas tradicionais como o feijão e a mandioca tem seu volume de produção diminuído. O agronegócio prioriza poucas culturas, desrespeita a diversidade biológica, utiliza massivamente agrotóxicos, sendo o responsável, com seu modelo agrícola, por cerca de 18 milhões de pessoas que vivem em estado insegurança alimentar no Brasil. Em nosso país cerca de 15 pessoas morrem de fome diariamente.

O agronegócio é o que manda. E manda globalmente. É um problema do país e do mundo todo. As multinacionais condicionam e impõem³. O avanço do capital sobre águas, florestas, campos e mares desconsidera modelos de vida ancestrais, polui e destrói ecossistemas e pratica uma agropecuária que confina animais, massifica o uso de antibióticos, naturaliza a aplicação de veneno sobre os alimentos e destrói sem pudor os ambientes naturais.

Esta foi uma das causas do desastre sanitário ocorrido neste ano: a pandemia da COVID 19. Muito se falava que a caminhada do capital era em nome do progresso, que o avanço do agronegócio não podia parar, **que o mundo não podia parar, veio a pandemia e o mundo parou, nós nos acostumamos com esta ideia, que foi naturalizada, ninguém presta atenção no verdadeiro sentido de ser humano.⁴**

Esta realidade, potencializou em nosso país problemas que já existiam. O desemprego chegou a mais de 12 milhões de pessoas, dentre elas mais de 3 milhões perderam o emprego durante a pandemia. Há uma crescente precarização dos postos de trabalho com uma dramática perda de renda para os trabalhadores, notadamente para os rurais, inclusive com o avanço das formas contemporâneas de escravidão. Ao mesmo tempo, no meio da pandemia, o capital avança. Os 73 bilionários da América Latina e do Caribe aumentaram suas fortunas em 17%, em nosso país, 42 bilionários aumentaram suas fortunas em 34 bilhões de dólares. Entre estes privilegiados estão inúmeros donos de

¹ Solano Trindade

² Josué de Castro

³ Ailton Krenak

⁴ Ailton Krenak

conglomerados agroindustriais. **Nunca vimos tamanha desgraça, quanto mais miséria tem mais urubu ameaça!**⁵

Há diversos assentamentos e ocupações ameaçados ou já desalojados, além de uma intensa ofensiva em direção às terras dos povos originários e das populações tradicionais. Em nosso estado há ameaças, prisões injustificadas e atentados sofridos por posseiros na Zona da Mata, além de uma lista de Pankararus que estão marcados para morrer, reflexos desta conjuntura. **Temos que assumir e estar empenhados na luta pela causa do povo oprimido nas garras do latifúndio. Se nos calarmos, quem os defenderá? Quem lutará em seu favor?**⁶

A educação do campo sofre com o fechamento de escolas. Nas últimas duas décadas mais de 80 mil escolas foram fechadas no campo brasileiro. São pontos de cultura que se extinguem e jogam os povos do campo para aulas em locais distantes de sua realidade, além de fazer com que estes alunos tenham uma educação que não respeita suas tradições e anseios. Em Pernambuco, já contamos mais de 4 mil escolas camponesas fechadas desde 2010. Em 2019, durante a expulsão de camponeses de um território localizado no Grande Recife, a escola do campo foi um dos primeiros prédios a ser destruído e o Centro de Formação Paulo Freire, localizado em Caruaru (PE), referência nacional de educação e cultura, teve o seu pleno funcionamento ameaçado. No presente ano, a Escola Marechal Rondon, do povo Fulni-ô, foi incendiada.

O corte de verbas para educação previsto para o orçamento do próximo ano afeta os povos das águas, dos campos e das florestas. Estes cortes atacam as instituições federais de ensino como os Institutos e Universidades Federais e chegam em alguns casos a eliminar praticamente 100% dos recursos até então disponíveis inviabilizando a execução de diferentes ações e programas, como é o caso do PRONERA que tanto tem beneficiado a vida de muitos agricultores e agricultoras. Os movimentos camponeses junto com a academia resistem a estes ataques com diferentes ações e cada um já avisa: **da luta eu não fujo.**⁷

A COVID-19 nos convida a repensar paradigmas tão propagandeados como “desenvolvimento” e “progresso econômico” que são, a grosso modo, somente formas de naturalizar um sistema que explora a parcela majoritária da população da cidade e do campo. Em nosso estado, a implantação de uma usina nuclear no município de Itacuruba, o crescimento dos parques eólicos que prejudicam as populações tradicionais e o avanço do porto de Suape sobre populações quilombolas são reflexos de um modelo de desenvolvimento ultrapassado que não considera o homem e a mulher como parte da natureza, destrói os recursos naturais e causa fome e morte. Ao lado de tudo isso temos o discurso do capital que propagandeia que vivamos o “novo normal” convivendo com cifras de centenas de mortos todos os dias. Defendemos que não voltemos

⁵ Chico Science

⁶ Padre Josimo

⁷ Margarida Maria Alves

à normalidade, **pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro**⁸

Terminamos esta carta com um sopro de esperança. Já que **a vida é uma semente, que precisa ser plantada. Nas mãos do agricultor, ela será germinada.**⁹É possível e urgente reconhecer e dar a titulação das terras quilombolas e indígenas, garantir medidas para impedir a criminalização dos movimentos sociais e dos povos do campo, fortalecer a agricultura camponesa com uma política que não destine nenhum recurso do orçamento público para o agronegócio (a agricultura do veneno) e garanta a partilha de água e sementes, além da garantia de comercialização. Também é urgente reabrir as escolas do campo fechadas e desenvolver no campo uma educação que respeite as particularidades, uma educação que fortaleça a agricultura da vida: a agroecologia. É possível construir uma sociedade onde arroubos ditatoriais, assassinatos de povos do campo, destruição da educação pública e comida com veneno sejam somente ecos de um passado distante e indesejado. Um tempo onde o bem viver e a terra mãe sejam os maiores paradigmas, onde **tenhamos o sossego das praias e a oração de refúgio. / A paz das armas rotas e a derrota das armas. / A paz do pão, da fome de justiça. / A paz da liberdade conquistada / A paz que se faz nossa, / Sem cercas nem fronteiras.**¹⁰É preciso dizer ao povo que avance!¹¹

⁸ Ailton Krenak

⁹ Maria Nogueira

¹⁰ D. Pedro Casaldáliga

¹¹ Cacique Xicão Xukuru